

# A ESPIRAL HERMENÊUTICA COMO INSTRUMENTO PARA A COMPREENSÃO DE UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR

Ronaldo de Oliveira Correa  
Ademar Heemann

O Grupo de Estudos e Pesquisas IV, em atendimento aos seus objetivos fundamentais, tem sido o *locus* para a emergência e a manifestação dos interesses temáticos de seus participantes. Nesse ambiente de trabalho interdisciplinar os temas iniciais são colocados em perspectiva teórica, isto é, as intuições são depuradas, submetidas à crítica, mediante o diálogo<sup>1</sup> com o conhecimento disponível com vistas à fase escrita, ou seja, da explicitação formal.

Para tanto, faz-se necessário a construção e utilização de ferramentas para a busca, armazenamento, acesso e intercâmbio de dados bem como para a identificação das interfaces entre as temáticas. Trata-se de um labor genuíno, de natureza criativa, inspirado nas vivências pessoais e que, no grupo, será intercambiado mediante o diálogo interdisciplinar.

Para melhor entender essa dinâmica, recorre-se aqui, de forma muito breve, à categoria hermenêutica denominada a *estrutura circular da compreensão* ou, ainda, *espiral hermenêutica*.<sup>2</sup>

A *espiral* permitirá uma representação de como os novos aportes alteram e ampliam aquilo que já foi compreendido ou interpretado, promovendo a pré-

<sup>1</sup> Leituras, fichamentos, discussões críticas em relação a uma área (Estado da Arte) ou a um problema delimitado (Referencial Teórico).

<sup>2</sup> Esta palavra tem sua origem no verbo grego *hermeneuein* que significa "interpretar". A hermenêutica tem se desenvolvido sob diferentes aspectos: filológico, lingüístico, histórico, filosófico. Veja-se uma breve exposição sobre a hermenêutica em HEEMANN, Ademar. *Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais*. -2º ed.- Curitiba: UFPR, 1998, p.170-174, tendo por referencial os seguintes autores: CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo : EPU, 1973. p. 45-48. GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und methode*. Tübingen : J. C. B. Mohr, 1965. p. 275. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1977. p. 148, 150. PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa : 70, 1969. p. 43-44, 73.

compreensão de novos eventos e assim sucessivamente. Daí resulta uma reciprocidade em que a compreensão do particular é orientada pela compreensão do todo, que será mediado pelos eventos particulares; quer dizer, do todo para a parte e da parte para o todo. Esta reciprocidade entre elementos que progridem em forma de espiral, na qual cada um deles pressupõe o outro, resulta na chamada *estrutura circular da compreensão* ou *espiral hermenêutica*.

Com auxílio da figura 1, será exemplificado esse tipo de abordagem metodológica do Grupo de Estudos e Pesquisas IV. O signo escolhido para representar esta abordagem, conforme já foi dito, é a espiral, que carrega em sua forma significados diversos. Esta forma se traduz como movimento contínuo e progressivo – como pretende ser a atuação deste grupo.

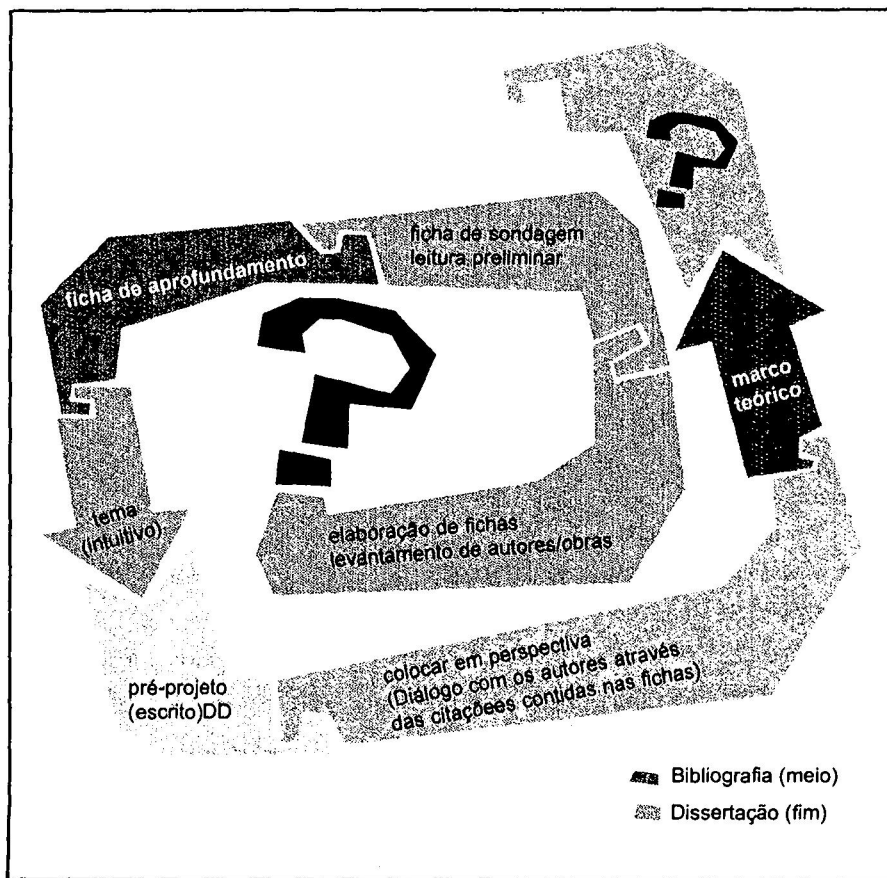


Figura 1 - A espiral hermenêutica

No centro da espiral se encontra uma interrogação. Ela representa a inquietação inicial (ingênua) que nos impulsiona em direção a algum lugar, ponto, abordagem, reflexão, conhecimento. Esta interrogação ainda não é o problema de pesquisa propriamente dito, isso pelo fato dele (o problema) ainda não ter sido apropriado como tal ou, dito de outro modo, não ter sido construído teoricamente.

No entanto, é esta primeira motivação que vai dar início ao processo de busca e de reflexão crítica que permitirá a formulação, bem mais tarde, de pergunta que, de fato, se constituirá no problema de pesquisa.

Assim, como primeiro momento dessa ação temos o deslocamento da espiral em direção a sua ascendência contínua. Este deslocamento se caracteriza pelo levantamento de bibliografia que configurará o meio para alcançar a proposta de projeto e conseqüentemente a realização da dissertação.

Em conseqüência desse momento segue, ainda nessa estruturação das bases do discurso a ser apropriado pelo grupo - ou ainda por cada indivíduo do grupo de forma diferente e pessoal -, a leitura preliminar da bibliografia sugerida através de fichas de leitura exploratória, conforme figura 2, na qual são registradas as informações preliminares de interesses que deverão compor um elenco de ferramentas manipuláveis no decorrer de todo o processo de estudo.

Sobrenome,/prenome. //Título:/subtítulo.//Edição.//Local:/Editora,/ano.
Comentário breve sobre o livro, a linguagem, os aspectos interessantes, as possíveis contribuições para a pesquisa.
Listar: - capítulos:títulos; - partes; - paginas.
Comentário breve sobre o que interessa nestes itens.

**Figura 2** - Ficha de leitura exploratória

Na ação definida pelo grupo, esta leitura preliminar - realizada por cada indivíduo dentro de seus temas de interesse - será partilhada com os demais sob a forma de explanações não estruturadas previamente, mas apresentadas de acordo com a criatividade do explanador, objetivando apontar itens da bibliografia que possam ser de interesse do coletivo.

O primeiro giro da espiral se encerra com a leitura de aprofundamento sistematizada através da ficha de aprofundamento, conforme ilustrado na figura 3, que pode conter as citações literais, os resumos e as reflexões acerca dos conteúdos a serem aproveitados. O resultado parcial desse primeiro giro da espiral é a materialização do tema, ainda ingênuo, da pesquisa a ser realizada. A colocação do termo "ingênuo", surge pelo fato da não configuração - ainda - de um plano de pesquisa ou pré-projeto que venha ultrapassar o plano oral - tropicalista que, segundo HEEMANN, antecede o alcance do plano gutenberguiano, qual seja, da palavra escrita<sup>3</sup>.

Sobrenome./prenome. //Título:/subtítulo.//Edição.//Local:/Editora./ano.
Citações: - literais; - paráfrases; - outras.
Indicar página, observando as normas de referênciação.
Conteúdos de uso: - resumos de trechos;

**Figura 3 - Ficha de aprofundamento**

O movimento imposto pela inquietação inicial é acumulado no primeiro giro da espiral que, pela natureza da forma, exige a continuidade do processo para sua configuração; a energia acumulada neste primeiro giro deve ser canalizada para o próximo, que inicia pela materialização "guttenberguiana" do pré-projeto, ou seja, uma proposta de pesquisa escrita, com um tema inicialmente intuitivo.

Na seqüência, a espiral exige maior gasto de energia, visto que aqui se coloca em perspectiva as apropriações resultantes das leituras e fichamento; a partir do diálogo do grupo - ou indivíduo / pesquisador - com o conhecimento disponível, que vai se dar através das citações contidas nas fichas sistematizadas no primeiro giro.

<sup>3</sup> HEEMANN, Ademar. O tropicalismo e a cultura guttenberguiana. Curitiba, 2000 Aula de metodologia da pesquisa no Mestrado em Tecnologia do PPGTE/CEFETPR. As categorias tropicalista e guttenberguiana foram tomadas de empréstimo por HEEMANN de um pronunciamento de TOM ZÉ. Veja-se mais a respeito em TOM ZÉ. [Carta] 2001 ago. 7, Salvador [Brasil] [para] Ademar Heemann, Curitiba.

Quase todo esse giro vai se caracterizar por uma *estrutura de diálogo*<sup>4</sup> diálogo, o que vai exigir do grupo ou pesquisador disciplina para manter duas atividades importantes: 1) a intermediação ou contraposição das falas dos autores selecionados e 2) a interferência pessoal (do grupo ou pesquisador), seja de acordar ou discordar ou ainda de propor uma nova abordagem. O resultado parcial deste novo giro é a estruturação do marco teórico do projeto de pesquisa, que vai agir sobre o próximo giro e assim sucessivamente.

O movimento imposto pela inquietação inicial é acumulado no primeiro giro da espiral que, pela natureza da forma, exige a continuidade do processo para sua configuração; a energia acumulada neste primeiro giro deve ser canalizada para o próximo, que se inicia pela materialização "gutemberguiana" do pré-projeto, ou seja, uma proposta de pesquisa escrita, com um tema inicialmente intuitivo.

Na seqüência, a espiral exige maior gasto de energia, visto que aqui se coloca em perspectiva as apropriações resultantes das leituras e fichamento; a partir do diálogo do grupo - ou indivíduo / pesquisador - com o conhecimento disponível, que vai se dar através das citações contidas nas fichas sistematizadas no primeiro giro.

Quase todo esse giro vai se caracterizar por uma estrutura de diálogo, o que vai exigir do grupo ou pesquisador disciplina para manter duas atividades importantes: 1) a intermediação ou contraposição das falas dos autores selecionados e 2) a interferência pessoal (do grupo ou pesquisador), seja de acordar ou discordar ou ainda de propor uma nova abordagem. O resultado parcial deste novo giro é a estruturação do marco teórico do projeto de pesquisa, que vai agir sobre o próximo giro e assim sucessivamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: EPU, 1973. p. 45-48.
- HEEMANN, Ademar. **O tropicalismo e a cultura gutemberguiana**. Curitiba, 2000
- HEEMANN, Ademar. **Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais**. - 2ª ed.- Curitiba: UFPR, 1998.

---

<sup>4</sup> Para compreender o outro, a coisa ou o problema, é preciso haver abertura e disponibilidade mental. Esse enunciado condensa o que se entende por estrutura do diálogo, outra categoria do contexto hermenêutico.

TOM ZÉ. [Carta] 2001 ago. 7, Salvador [Brasil] [para] Ademar Heemann,  
Curitiba.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa : 70, 1969. p. 43-44, 73.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1977. p.  
148, 150.

GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und methode**. Tübingen : J. C. B. Mohr,  
1965. p. 275.